

ANTÓNIO RAMOS ROSA

Entrevistado por Maria Augusta Silva

EXCERTOS DA ENTREVISTA EM MODO ÁUDIO

OUTUBRO 2004

O sol do poema é o sol para lá do sol. O tema da minha poesia passa por uma busca de identidade. Também ando numa deriva à procura daquela outra coisa que quero encontrar e que talvez encontre, uma outra coisa que está em tudo, em cada coisa, mas que ninguém vê, porque existirá misturada na poeira da existência. Mas eu quero ver. Tenho a preocupação de ver.

Ao escrever ganha maior inocência?

Há um impulso que tende a levar o poema para uma certa inocência, para uma espécie de paraíso.

Como vive o poema no interior do seu corpo?

O poema nasce de uma unidade dinâmica entre o consciente e o inconsciente. Quando repouso e adormeço um bocadinho encontro essa unidade e nasce o poema.

O «paraíso do sono...», de que fala na sua poesia?

Esse sono não é necessariamente o sono. O sono não é uma cegueira. S. João da Cruz foi um dia visitar uns monumentos. E perguntaram-lhe: *não são bonitos estes monumentos?* Respondeu: *não vim aqui para ver*. E disse assim porquê?, porque há uma outra forma de ver.

Presença da mulher é constante na sua poesia e desenho. Um fascínio?

Um poeta místico e erótico, William Black, diz que «a nudez da mulher é divina».

Nos seus poemas não existe só o corpo-fêmea...

O corpo é uma palavra recorrente na minha poesia, uma poesia da sensualidade, erótica, sem dúvida. Os meus poemas estão, do mesmo modo, muito ligados ao firmamento, aos elementos naturais: à terra, à água, ao sol, ao vento.

Formam um corpo solar?

Um corpo cósmico. Uma vez, em Saint-Denis (França), num encontro de escritores em que estava, também, a Agustina

Bessa-Luís, perguntou-me o Eduardo Prado Coelho se a minha poesia não seria influenciada pela paisagem do Algarve, onde nasci. Na ocasião respondi: não sou um poeta regionalista.

E não é...

Não sou, mas a resposta só a achei mais tarde quando escrevi um poema sobre o Algarve. Há uma característica do Algarve, uma aridez e secura que existem em alguns dos meus poemas. Isso marcou-me.

Eterna busca de uma identidade?

O tema da minha poesia passa, é verdade, por uma busca de identidade. Não significa, contudo, que seja a evasão total do poeta. Nunca se dá uma evasão completa.

Todo o poeta fica sempre um pouco preso à terra?

Sim.

Embora de palavra enxuta, a sua arte poética não vive de emoções?

Na verdadeira poesia há sempre uma relação entre interioridade e o espaço e os outros homens.

O "grito claro" que atravessa os seus livros irrompe do "caminhante do deserto"?

O poeta espanhol Antonio Machado diz isto, extraordinário: *Caminhante não há caminho o caminho faz-se caminhando.*

Esse meu grito torna-se claro, no entanto vem das profundidades negras, profundidades básicas, fundamentais.

Chama alma a essas profundidades?

Alma, espírito, são nomes que damos a qualquer coisa que não sabemos o que é. Espírito talvez seja uma entidade que compreendemos melhor, apesar de contraditória. Para Paul Valéry, o espírito é contraditório e, se não fosse contraditório, então não seria espírito. A realidade do Eu-sujeito é contraditória tal como a realidade do mundo.

Todos os criadores passam por metamorfoses...

Se a minha maneira de ser tem mudado é porque a idade me faz mudar mais do que eu próprio.

Cummings ensina-nos que toda a ignorância escorrega para o saber. Ao escrever o *Livro da Ignorância* procurou a grande sabedoria?

Não sei dizer coisas definidas sobre a minha poesia. Há um poeta provençal, Guilherme IX d'Aquitânia, a provar-nos como a modernidade sempre existiu nos poetas em todos os tempos. Deixe-me ver se encontro o livro...

Consegue entender-se no meio da revolução de papéis que o cercam?

Entender-me e desentender-me. Tenho um livro que se chama *Ocupação do Espaço*... Bem, gostava de encontrar

esse poema provençal. Está aqui. Vou lê-lo do francês, numa tradução livre: «Farei um poema de absolutamente nada / não é de mim nem de outra gente / não é de amor nem de juventude / nem de nenhuma outra coisa / porque antes foi criado dormindo sobre um cavalo».

Cavalo que atravessa o seu imaginário poético. Significa uma luta a galope no espaço e no tempo?

O cavalo é um animal com uma vitalidade admirável.

Ainda tem inéditos guardados?

A minha companheira Agripina, e eu próprio, quando vou a casa, à segunda-feira, desencantamos vários originais.

Burila os poemas?

Na fase em que fui mais feliz no domínio da poesia quase não fazia alterações.

Dava-se um encontro imediato?

Dá-me vontade de dizer o que Picasso respondeu um dia a um jornalista ao perguntar-lhe o que procurava ao fazer um quadro. Picasso disse: *Não procuro nada, encontro.*

Os poemas são os seus diademas?

Espero que sejam de todos.

«Sou um homem antes do homem / e depois do homem», diz-nos precisamente no livro *Os Volúveis*

Diademas. Sente-se desajustado, sempre em viagem à procura do «deus nu(lo)»?

O poeta não é um homem que se aceita. *Je me suis inacceptable (Sou-me inaceitável)*, disse um outro poeta. Também ando numa deriva à procura daquela outra coisa que quero encontrar e que talvez encontre, uma outra coisa que está em tudo, em cada coisa, mas que ninguém vê porque existirá misturada na poeira da existência.

Que poderá existir na poeira da existência?

É a poeira da existência que envolve as pessoas e não as deixa ver, mas eu quero ver, tenho a preocupação de ver. Para ver é preciso, porém, não pensar no que se está a ver. Não deve haver interposição mental na visão.

Já teve a sensação de ver de uma outra forma?

Dou-lhe um exemplo: moro perto do Campo Pequeno e um dia fui sentar-me numa parte do parque onde não estava ninguém. Sentei-me no banco, estendi a mão sem ver a árvore perto, como se houvesse realmente um vazio mental; a certa altura, um pardal veio poisar na travessa superior do banco. Lembro-me de ter pensado: seria interessante se o pássaro poisasse na minha mão. Um segundo depois, poisou, deu a volta, saltitou pelo meu ombro, passou para a cabeça e bicou-me os cabelos. Achei isto um acontecimento espantoso.

Há uma forte identidade entre si e os pássaros como se partilhassem um voo de libertação?

A poesia é «liberdade livre» uma expressão de Rimbaud. Também Angelus Silesius diz que a «rosa é sem porquê, floresce quando floresce». A poesia é isso.

Daí a inspiração para escrever *Poesia, Liberdade Livre?*

Vou contar-lhe uma coisa: esse livro estava uma vez numa livraria de Faro e um agente da PIDE apreendeu-o, mandou-o para a Censura; terá pensado que liberdade livre não era liberdade condicional, portanto devia ser alguma coisa contra o fascismo. A Censura não lhe encontrou nada de político nem de subversivo e devolveu o livro à procedência. Fiquei dececionado!

Funciona a arte como antissistema?

A poesia é um antissistema. A realidade do eu é contraditória, tal como a realidade de um livro.

No seu caso, a poesia continua a florescer todos os dias. E, a par da poesia, desenha. Como lhe sai um traço tão rápido e firme?

Sai assim, não pensado. É quase como os pássaros, que têm uma grande espontaneidade, se não a tivessem, se os pássaros pensassem no que iam cantar, não cantavam.

Está a desenhar e a cantarolar...

A cantar faço melhor.

Quando começou a desenhar? Julgo saber que nem era muito bom aluno a desenho...

Estava doente, há uns anos, e comecei a fazer uns desenhos com esferográfica mas não resultava. Depois passei para os marcadores e, pouco a pouco, com a prática deu isto.

Por que desenha quase todos os rostos só com um olho?

Há uma certa intencionalidade. Estas figuras veem mais com um olho só.

Gosta de desenhar figurativo e abstrato. Que há de comum e de diferença entre eles?

É como na pintura. O figurativo e o não-figurativo devem possuir uma auto referencialidade de elementos estéticos que se combinam entre si; na pintura figurativa, contudo, tem de haver, necessariamente, uma referencialidade maior; o não-figurativo não implica propriamente referencialidade, embora o espetador possa ver uma qualquer referencialidade.

«Eu escrevo versos ao meio-dia». E assim escreveu. O meio-dia é o momento em que se dá o grande diálogo entre a luz e a sombra?

Gosto do meio-dia e gosto igualmente da hora do crepúsculo. E também escrevo à noite, por vezes.

Poesia, uma utopia?

Utopia quer dizer o quê? Vem do grego: *Ou (não) + topos (lugar)*. O não-lugar, ou o que está para além do lugar. É essa utopia que permite atingir o nível em que o poema encontra o seu verdadeiro lugar.

«Estou vivo e escrevo sol», verso que se tornou emblemático de toda a sua obra. Como se escreve sol?, explique-nos...

Há o sol real. Mas o sol do poema é o sol para lá do sol, tem a ver mais com a intimidade do poeta.

Faz um tempo chuvoso... Em tempo de chuva como se sente o poeta que escreve sol?

Quando a chuva é muito forte, muito pesada, não sou capaz de escrever.

Na poesia, as palavras precisam de combinar umas com as outras?

Deve haver uma coerência. O crítico Jean-Pierre Richard diz que a poesia é a coerência da incoerência. Porque a poesia deve ser aberta, não pode estar subordinada a um discurso unívoco, fechado.

Traduziu muitos poetas. Algum que tenha apreciado mais?

Muitos. Traduzi Paul Éluard, por exemplo. A poesia é difícil, uma linguagem diferente.

Diz: «O que eu desejo / vem depois de toda a esperança». Que desejo?

Procuro, aí, dar ao desejo um valor ético, de coragem. Um desafio.

É uma pessoa terna?

Tenho a impressão que herdei isso da minha mãe. Gostava muito dela mas às vezes também tinha fúrias contra a minha mãe.

Impulsivo, ainda hoje?

Já não. O lado afetuoso melhorou muito nos últimos tempos, tornou-se mais temperado.

A identidade entre o poeta e a escrita será lógica ou relativa?

Um poeta pode desejar transmitir qualquer coisa e quer ser sincero e justo em relação ao que sente. Quando vai escrever, porém, diz uma coisa completamente diferente. Dá-se uma heteronímia.

Razão bastante para Pessoa ter muitos heterónimos...

E fez muito bem. Os heterónimos de Pessoa são magníficos. Tudo o que um poeta escreve são heterónimos.

Pascal Fleury escreveu a propósito da sua obra: «António Ramos Rosa leva-nos ao limite do mistério». Que mistério?

O mistério de tudo e de todas as pessoas. Na minha poesia há uma busca de identidade porque eu mesmo me não conheço. Falo e comunico, no entanto. Estou a comunicar consigo e entendemo-nos sem um conhecimento de nós. Aí é que está o mistério da comunicação intersubjetiva.

Por que se define como «um construtor de gritos no abismo»?

O grito é inerente à criação poética. Vem de longe. O primeiro homem que viu o mundo ficou assombrado e talvez tivesse dado esse grito.

«Não posso adiar o coração». Um dos seus versos mais referidos. Esteve sempre aberto aos outros? Que urgência é esta?

A urgência do amor. Também é verdade que, apesar de todas as dificuldades da minha vida, fui-me tornando mais aberto aos outros. Era muito introvertido, tímido, tinha muita dificuldade em comunicar.

Tem sido feliz no amor?

Posso dizer que fui feliz e que fui infeliz, as duas coisas estão relacionadas. Santa Teresa d'Ávila dizia que o amor é mais terrível do que o inferno.

Goethe aponta um rumo: «Faz da tua dor um canto». A sua poesia é canto?

Na medida em que o poema é uma celebração.

Desde cedo sentiu que a escrita seria um caminho, um destino?

Há coisas que se processam em nós, sobretudo nos poetas, que não ocorrem ao nível do consciente.

Nas palavras guarda a «chama do silêncio». As palavras, ao mesmo tempo que desnudam também cobrem os maiores segredos?

A palavra poética, sim.

Portugal, um país de grandes poetas?

Como qualquer outro país. Não penso que Portugal tenha o privilégio de ter melhores poetas.

Pertenceu ao MUD-Juvenil e confessava-se próximo do marxismo. Que encontrava nas ideias de Marx?

O marxismo tinha um fundamento humanista que apontava para a mudança da realidade social, para a transformação do mundo, de modo a que a vida fosse mais suportável. Fui um marxista heterodoxo.

Nasceu e viveu em Faro a infância e juventude. Gostava de sentir-se próximo do mar?

Não sabia nadar, mas já era uma grande coisa saber boiar e andar na água. Sofri problemas de saúde, mais de ordem psíquica do que física. Um dia, a minha mãe trouxe-me a um médico de Lisboa, que tinha consultório no Largo de Camões. Expus-lhe o meu problema, disse-lhe que não achava nenhum sentido na vida. Ele levou-me à janela: *Está a ver aquelas pessoas, vão para os seus empregos, essas pessoas têm um sentido na vida.* Eu não soube responder naquela ocasião, porém devia ter dito: o sentido de vida dessas pessoas não me interessa. O médico chegou a dizer à minha mãe, à parte: *o seu filho há de ser um grande homem.*

E foi, é. Tem conseguido conjugar na sua poesia todos os contrários da vida?

Se conseguisse, seria uma grande realização; de qualquer maneira, tenho a preocupação de uma poesia que englobe os contrários da vida, as disparidades.

Difícil ao poeta suportar-se a si próprio?

Acontece com toda a gente. Somos um peso difícil.

Como foi a passagem por um convento?

Os meus pais tinham dificuldades em pagar a renda da casa e arranjaram um serviço no Convento de São

Francisco, em Faro, era eu adolescente. A igreja ficava mesmo ao lado e uma vez subi as escadinhas e fui dar ao púlpito. Não estava ninguém. Fiz um sermão lindíssimo! Era a minha fantasia.

Outras lembranças da infância?

Havia os fogões de lenha e usava-se um abano para agitar o lume. Eu gostava muito de ciclismo. Recortava dos jornais as fotografias dos ciclistas, alinhava-as no chão e agitava-as com o abano a ver aquele que mais corria.

Mantém um fino sentido de humor...

Ao longo das vicissitudes da minha vida, se não fosse o humor... Acaba por ser uma defesa.

Continua guloso?

Era glutão, agora não como muito. Gostei sempre de Bacalhau à Brás, de cozido à portuguesa e de jardineira com aquelas ervilhas que na minha terra (Algarve) chamavam griséus no meu tempo, não sei se ainda lhes chamam assim...

Fumava muito...

Fumei. E bebia muito café. Não foi o médico que me disse para deixar de fumar. Houve uma rejeição orgânica. Uma noite acordei com um sabor horrível; no dia seguinte acabei com os cigarros, e com o café, idem.

Pintor eleito?

Gosto tanto de pintura que nem sei dizer de que pintor mais gosto..., vê ali um álbum de Picasso?, e muitos mais. Tenho um certo fascínio pela pintura cinética, «pintura em movimento» como a de Vasarely.

Ao receber distinções como o Prémio Poeta Europeu, o Grande Prémio de Poesia da APE e o Prémio Pessoa, ficou particularmente contente?

Contente, sim, é sempre grato ver o nosso trabalho reconhecido.

Hoje, ao sentir algumas fragilidades, a arte poética continua a ser um alimento essencial?

A poesia não resolve os nossos problemas mas ajuda muito.

Outono, as folhas a cair, isso não o impressiona?

Tem a sua beleza. Podem existir dias solares com as folhas a cair.

A poesia já lhe pôs o coração a nu?

Embora se queira dizer tudo, fica sempre alguma coisa por dizer.